



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Oito textos]

Arménio Vieira

Para citar este documento / To cite this document:

Arménio Vieira, "[Oito textos]", *Colóquio/Letras*, n.º 174, Maio 2010, p. 134-137.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Short story

Não era hotel, apenas casa de habitação.

Alugam-se quartos? Perguntei. — Sim, respondeu a senhora. — Veja esse ali, ocupe-o, se gostar. São três mil por noite. Ah, não tem bagagem... então paga adiantado.

Não paguei. Palpei o colchão, olhei para a coberta, vistoriei o guarda-roupa e o banheiro. — Não serve, cheira a creolina, tem buraco no tabique, vou embora, mas volto. Se da próxima isto não mudar, mato o cão e o gato, mato-a a si e pego fogo à casa, fica o aviso.— Surpreendida, a senhora não falou.

Enfiei o sobretudo e pus-me ao fresco. Nunca trago isqueiro nem revólver no casaco, foi tudo a brincar.

Uma vez por ano me divirto fingindo que sou mau. Quem me dera sê-lo a tempo inteiro, ainda que fosse apenas para chatear Frei Luís, que me ensinou o que era o bem, e também o que era o mal. Vade retrum Satanás.

Anda cheio o Inferno, quando menos se espera, há quem vá para o Céu.

Exercitando chapéus

Um homem com chapéu de feltro, dois homens com chapéus de palha, três senhoras com chapéu de renda.

Um autocarro e sua rotina, entre um bairro e outro bairro. Três homens de pé e seus chapéus. Nos assentos, menos homens que mulheres.

Silenciosa lotação. Gente boa, assim parece. Um sol quente nas vidraças.

Alguém terá um guarda-chuva? Há um por acaso, porém vai pendurado. Que tal a nossa estória? Mas que insossa, maçadora. No entanto menos chata que um passeio de autocarro. Por enquanto, até ver.

Paciência! Até que entrem os bandidos. Isto vai sobre rodas, os piratas já cá estão: três homens em pé, três chapéus e três pistolas. «Solitário guarda-chuva, fala comigo, diz lá quem te pendurou.»

Porventura algum polícia? Se for isso, vai ser bonito... um homem contra três.

Havia três chapéus de renda e ainda lá estão. Se, por hipótese... essa agora! Seis contra um.

Entre a Rússia e o Rossio

Entre a mão que o prepara e a grelha que o espera, tão curto é o tempo, que o salmão jamais vai saber se a viagem foi de trem ou de camião.

Se apertada vai a senhora Dulcineia, a qual viaja de espartilho, que direi do senhor Sancho Pança metido numa lata de sardinha?

Entre um pé de lima e um limoeiro, esvoaça um gafanhoto.

Entre a Rússia e o Rossio, vai e vem uma andorinha.

Que importa o tempo que se gasta entre a cara e a coroa, tão-pouco a distância entre uma «Baleine» (completamente extinta) e um «Baleine» (à beira de extinção).

Roussel, ora bem. Será que em seu vaivém, entre Cairo e o Cabo, ele viu o rio Nilo, que ora é azul e ora é branco, será que alguém inda se lembra de que o alfabeto era a letra com que Raymond se matou?

Samurai GT e seu destino

para João Ubaldo Ribeiro

No Japão aconteceu, entre a urbe e o sertão.

Ora bem, um samurai, assumido matador e muito sério em seu ofício, se pôs a marchar. E marchando continuou, até que a roleta, depois de muitas rotações, parou no vinte e um.

Então o personagem, cuja vida, seus trabalhos e seu trato com o Diabo uma voz (que não a sua) até aí fora contando, achou que era tempo de ele também ir contando.

«Dado que ninguém morre a morte de alguém, eu mesmo vou contar.»

E assim foi contando, sem tropeço nem hiato. Até que a roleta, rodando sete vezes três, parou no vinte e dois, isto é, a porta pela qual se entra (ou se sai) no Inferno.

O suicídio de Flaubert

Acerca de Flaubert, seu fado e sua escrita, duas toscas escrituras, lavradas à hora do poente.

Dado que uma vela, embora acesa, nada vê (nem pode ver), diga-se que, de ambas (que afinal são três), o papagaio foi quem viu a senhora, e também o veneno com que F. quis matá-la. Razão por que só tal pássaro saberia contar.

No entanto, quem aceitaría o que tal ave dissesse, mesmo que tenha sido ela a metáfora com que o Destino urdiu a página sobre a qual tombou a senhora?

Em 1861, ano de fracos versos e muita seda, Flaubert ia escrevendo e rasurando sobre Aníbal e os elefantes.

Copiografando

Se numa noite de inverno um viajante, Pierre Menard, abrisse o cofre onde o fantasma de um tal Pedro Páramo houvesse escondido um manuscrito, o qual fosse o original e a soma de tudo quanto se foi escrevendo após Homero.

Suponhamos que um demónio o animasse a copiá-lo todo, de forma a velar a pretérita caligrafia, e a vaidade o incitasse a editá-lo como sendo obra sua, tal o defunto Brás Cubas, digo J. L. Borges, por engano o autor do Quixote, e por fim o assinasse, sem ligar aos arrepios de Raskolnikov, o arrendido.

Ou, por um motivo que azo desse a conjecturas bem mais vastas que a imensa teologia, por uma de entre milhentas causas, simplesmente o destruisse.

E em vez do suicídio (obviamente), como ordena a tradição, jamais houvesse morte capaz de o comer.

Poema de verão

Buscava Deus e toda a vida O buscou. Na montanha e no deserto, também nos grandes e pequenos rios, sem que jamais O achasse. No passado verão, bruscamente, ele O viu num covil, entre serpentes assassinas.

Sebastien era poeta, e a poesia enlouquece. Sobretudo quando o calor do suão mais o suor da mulher (que deixaste de amar), de repente, como a faca, te cortam em duas metades — a que se lembra de ter amado e a que já não ama.

Variante lunar in memoriam de Octavio Paz

Luzente lua cheia
Qual aos olhos de um deus que primeiro a visse

Meia-noite em ponto

Felina e fulva dorme a fera

Só falta quem te possa afagar
Acaso um poeta que saiba alunar

P.S. – Meu pai aconselhou-me a não queimar tempo escrevendo versos sobre a Lua.
Razão por que só agora o faço.